

DOENÇAS MENTAIS EM OFERTA

Maria Emília Resende Costa¹

Recebo em meu consultório para uma entrevista e um possível tratamento uma moça de vinte e cinco anos, casada, satisfeita com o trabalho que faz, mas que se queixa de depressão e muita ansiedade. Já havia localizado alguma coisa, porém não conseguia formalizá-la. Relatou que, durante boa parte de sua infância, aproximadamente dos seis aos quatorze anos, foi molestada sexualmente por um tio. Quando adulta, aos vinte anos, achou que deveria contar tudo à esposa do tio e a toda a família. Tinha a esperança, de que, com esse comportamento, se sentiria aliviada e se vingaria do tio.

Interessante ressaltar que fez tal revelação, orientada por um psicoterapeuta, que não tinha orientação psicanalítica, como uma medida que lhe traria o fim do desconforto. Como nós psicanalistas poderíamos antecipar, essa atitude não mitigou seu sofrimento.

Fez seu auto diagnóstico e procurou um psiquiatra que a medicou com antidepressivos e ansiolíticos.

“O que acontece comigo?” Perguntava-me. “Estou em tratamento, revelei tudo à minha família, desmascarei meu tio e ainda sofro muito. Sinto-me inquieta, tenho náuseas, enxaqueca, acho sempre que estou grávida, embora tome anticoncepcionais”.

O que quer esse sujeito? Vem em busca de sua verdade, a verdade de seu desconforto. Segundo Miller, “a verdade não pode ser dita desde que não a conhecemos, entretanto a única coisa que se pode fazer é dizê-la.”² Dizê-la através do sintoma, através do sofrimento e desconforto do desconhecido íntimo que ele é.

Esse sujeito passou boa parte da infância, toda a adolescência e parte da juventude com sua vida organizada em torno desse acontecimento. Ela própria tomou medidas para desorganizar tudo. Como viver com a revelação do fato? Como não ter mais o segredo, a revolta e as queixas que tudo justificava em sua vida? Se auto diagnosticar com depressão e ansiedade, procurar um médico, pedir remédios foi a saída mais rápida, mais imediata, porém não foi o suficiente .

O sintoma tem uma função. Isso é válido inclusive para a medicina, pois é através dele que é possível perceber a necessidade de ajuda. Ele é um sinal de alerta. Aponta para algo que não opera bem.

Esse breve relato mostra o que observamos hoje em nossas clínicas e na vida das pessoas. A ciência contemporânea atua de forma a objetivar o sintoma, não em busca da cura, mas sim da sedação. Tenta fazer com que o sujeito suporte um pouco melhor seus efeitos, embora saibamos que esse artifício falha, mais cedo ou mais tarde.

A figura hegeliana da bela alma pode muito bem ilustrar o que muitas vezes busca o sujeito. Cheia de razão, ingênua, vítima de todos ou de algum escolhido, sempre joga a responsabilidade de seu sofrimento no outro. Não se enleia nas próprias questões. Nada tem a ver com elas. Sofre porque o outro lhe impôs tal sofrimento. Assim, seu adoecimento sempre tem um culpado. Torna-se o objeto de uma enfermidade deflagrada por outro.

Ao generalizar o ser humano, classificar e rotular, a ciência presta bem sua contribuição a essa figura da bela alma que nada tem a ver com seu adoecimento e, portanto, pode buscar sua cura na medicação sem se implicar ou se questionar. Trata-se de um eterno inocente. A ciência organicista transfere para o corpo tudo o que é da ordem do mental, como uma

¹ Psicóloga-Psicanalista. Correspondente da Escola Brasileira de Psicanálise-Secção Minas. Membro do Núcleo de Investigação e Estudo em Psicanálise e Psiquiatria Judiciária- NIEP-J⁽²⁾Miller, Jaques-Alauiin-Lacan Elucidado:Palestras no Brasil- Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. (versão brasileira de 1997) Pg. 237.

anomalia a ser tratada com medicamentos, ou seja, ela cala o sujeito, ignora o que de mais humano existe num processo de cura: sua linguagem. A sedação do sintoma, quando relacionado à ordem do mental, tem um efeito apenas paliativo e não é raro que em algum momento o sintoma transborde, reapareça de algum modo, pois é por sua via que o sujeito pode dizer o seu sofrimento com relação ao real do gozo.

Hoje, temos uma grande oferta de medicamentos. Oferta de felicidade em comprimidos, gotas, próteses e muito mais. O mercado está cheio delas, como também dos técnicos que sabem prescrevê-las. Há remédio para tudo: remédio para dormir, para acordar alegre, para emagrecer, para engordar, para pôr fim à ansiedade, próteses para modificar o corpo, tratamentos estéticos de toda natureza...

Por que será que ainda assim o homem contemporâneo está cada dia mais queixoso e mentalmente adoecido, sem conseguir localizar o que está acontecendo com ele? Parece haver um tratado secreto entre as indústrias de toda ordem. Colocam-se no mercado milhões de produtos que seduzem o sujeito ao consumo e cria-se o padrão de saúde, beleza e felicidade. Tanto os que podem consumir quanto os que não podem, sentem, ao final de cada aquisição, um crescente de insatisfação somado à necessidade de uma nova aquisição. Não se pode ficar quites com o desejo. Assim, a sensação de insatisfação, quando confrontada com os padrões de felicidade divulgados em todo lugar, cria para o sujeito a idéia de que algo está errado com ele. Todos alcançam o que ele não consegue: o carro do ano, a linda namorada, a roupa da moda, a viagem fantástica, o emprego dos sonhos, o salário almejado, o chefe legal, o filho perfeito. É difícil sentir-se bem num mundo onde a felicidade é proclamada igual para todos, sem que se considerem as diferenças subjetivas. Não é de se admirar que o sujeito adoça por não poder exercer sua subjetividade e, por outro lado, a padronização dos comportamentos não é satisfatória. Ele resta, então, duplamente insatisfeito.

Para cada sintoma que o sujeito apresenta, a indústria farmacêutica cria um quadro, um transtorno, uma síndrome e oferece a cura através do remédio, Não existe mais lugar para a tristeza; ela tornou-se depressão. A preocupação tornou-se ansiedade e assim o homem contemporâneo se convence de que existem muitas doenças, um longo cardápio delas como também um extenso "menu" de remédios químicos e físicos. A satisfação no consumo é oferecida. Cria-se a insatisfação pela impossibilidade de calar o desejo e promove-se uma grande variedade de paliativos para que o homem viva na esperança de um dia encontrar a felicidade plena.

Vejo jovens pacientes, recém-formados, à procura do primeiro emprego, cheios de planos e sonhos para os primeiros salários, tomados pelo imaginário da completa felicidade no trabalho. Não raro se decepcionam, adoecem e são acolhidos em suas doenças pelos médicos biologicistas com diagnósticos de síndrome do pânico, depressão, transtornos do sono etc. Esses jovens se decepcionam pelo desconhecimento da arduidade da vida produtiva. Junto ao bilhete da expectativa excessiva sempre vem o da decepção, principalmente para aqueles que flutuam na fantasia da vida fácil, da escalada rápida na carreira profissional. Confrontados com a realidade, esses adolescentes tardios não se implicam de forma razoável nas próprias questões. Foram seduzidos pela mídia de toda ordem e buscam um caminho mais fácil, que não existe. Adoecem, pois padecem da impossibilidade de exercer sua subjetividade. Foram marcados pelo signo da generalização, da indústria da propaganda, da padronização da felicidade e, plugados, têm acesso a todo tipo de diagnóstico pelos meios de comunicação. Fazem seu auto diagnóstico e buscam ajuda nos medicamentos. Com a globalização, a informação ao alcance de todos, internet, imprensa falada, escrita e muitas vezes inconseqüente, fica fácil escolher uma doença. É possível encaixar-se numa descrição sem grande dificuldade. É mais fácil nomear o que se sente como doença e nada mais querer saber sobre o que fala em silêncio através do sintoma. Cala-se a verdade apontada por ele. Porém, a verdade do sujeito, inalcançável, é dita o tempo todo. O sintoma não mente jamais. O que é da ordem do desejo não se pode negar e o sintoma está nele encravado.

Com a generalização do ser humano, com a exclusão da subjetividade, da singularidade, com a queda dos ideais, o consumismo desenfreado, a padronização do comportamento, o Nome

do Pai, esse que representa a lei, a norma, a regra, está em declínio. As figuras de autoridade caíram, se corromperam, estão tão enfraquecidas que não mais representam uma referência.

Não podemos negar a evolução da indústria farmacêutica que alcançou grandes avanços com grandes ganhos para todos. Os medicamentos são necessários. Entretanto, reduzir tudo a eles é reforçar a conduta do "nada querer saber", do "não tenho nada com isso". É confirmar a posição da irresponsabilidade do sujeito sobre suas escolhas.

A Justiça, representada pela figura do juiz, talvez seja o último reduto do Grande Outro ao qual recorrer na esperança de apaziguar tamanha angústia. O desejo de reconhecimento aí se inscreve e para alcançá-lo é possível fazer uso até das doenças mentais.

É sabido que toda demanda é demanda de amor e isso não é diferente quanto às demandas presentes nos tribunais. Escutar o que quer o sujeito para além da demanda endereçada à Justiça pode ser uma forma muito adequada de confrontá-lo com seu desejo e ajuda-lo a formular tal demanda de outra posição, uma posição subjetiva, responsável. O que um sujeito enuncia não raro é bem diferente da enunciação. Em outras palavras, ele busca algo que muitas vezes nem ele mesmo sabe o que é. Nesse sentido, a psicanálise é de grande utilidade. Questões que se apresentam conflituosas e que escondem algo da ordem do desejo, à primeira vista obscurecidas pelo intrincado de queixas e sintomas, pelo viés da psicanálise, podem tornar-se passíveis de elucidação.

Do outro lado de uma demanda há sempre aquele a quem a mesma é enviada. O que dizer dos juízes, que, na posição de sujeitos, como todos, devem tomar decisões de forma a atender imparcialmente? Não é uma posição de fácil manejo. Como ser imparcial e saber o que de fato demanda um sujeito por meio de uma causa judicial? Nesse ponto a psicanálise pode ser uma ferramenta de grande auxílio à Justiça.

A psicanálise voltada para o social foca o homem contemporâneo que se confronta com padrões diante dos quais sempre se vê depreciado, devido à impossibilidade de se aproximar dos modelos impostos pelo mercado que o levam a uma completa e constante insatisfação. Queixas aparecem, o estresse colabora e, enfim, não se pode negar que há vítimas em todo o processo, mas com muita frequência, os próprios sujeitos são seus próprios algozes.

Referências Bibliográficas:

(2) Miller, Jacques-Alain- Lacan Elucidado: Palestras no Brasil- Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. (versão brasileira de 1997) Pg. 237.

Palomera Vicente- Como a Ciência Desculpabiliza em O Sintoma Charlatão/ (textos reunidos pela Fundação do Campo Freudiano, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998 (Campo Freudiano do Brasil.

Lacan, J. O Seminário Livro 11-Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise,(1964-1964). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.

Maria Emília Resende Costa- Psicóloga, Psicanalista, Correspondente da Escola Brasileira de Psicanálise- Seção Minas Geras.